



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**  
**CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

**GEIZA SÔTO BRITO**

**ESTUDO LEXICOSSEMÂNTICO DA OBRA *A BARRAGEM*, DE IGNEZ MARIZ**

**CAJAZEIRAS - PB**

**2022**

**GEIZA SÔTO BRITO**

**ESTUDO LEXICOSSEMÂNTICO DA OBRA *A BARRAGEM*, DE IGNEZ MARIZ**

**Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à coordenação do Curso de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa, do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras – como requisito de avaliação para obtenção do título de licenciado em Letras.**

**Orientador:** Prof. Me. Rafael Francisco Braz

**CAJAZEIRAS - PB**

**2022**

B862e Brito, Geiza Sôto.

Estudos lexicossemântico da obra *A Barragem*, de Ignez Mariz / Geiza Sôto Brito. - Cajazeiras, 2022.

43f.

Bibliografia.

Orientador: Prof. Me. Rafael Francisco Braz.

Monografia (Licenciatura em Língua Portuguesa) UFCG/CFP, 2022.

1. Lexicologia. 2. Palavra. 3. A Barragem. 4. Mariz, Ignez. 5. Autoras paraibanas. 6. Língua. 7. Significado. I. Braz, Rafael Francisco. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

**GEIZA SÔTO BRITO**

**ESTUDO LEXICOSSEMÂNTICO DA OBRA *A BARRAGEM*, DE IGNEZ MARIZ**

**Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à coordenação do Curso de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa, do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande – Campus de Cajazeiras – como requisito de avaliação para obtenção do título de licenciado em Letras.**

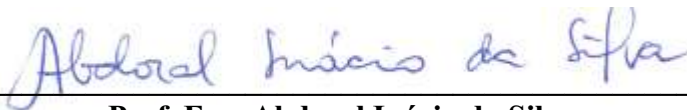
Aprovada em: 23 / 08 / 2022.

**Banca Examinadora:**



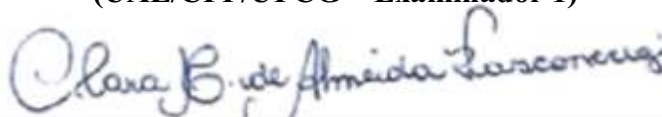
---

**Prof. Me. Rafael Francisco Braz  
(UAL/CFP/UFCG - Orientador)**



---

**Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva  
(UAL/CFP/UFCG – Examinador 1)**



---

**Profa. Dra. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos  
(CH/UEPB – Examinadora 2)**

À Lilian Kelly Alves Guedes, por todo amor, confiança e dedicação a mim direcionados. Todo companheirismo, toda exaustão, todo ‘não’ e todo ‘sim’ me trouxeram até aqui. Você é uma, senão, a mais importante parte dessa ponte que venho atravessando desde 2014, quando encontrei um significado para minha existência. Hoje, posso ter certeza que nosso encontro é de vidas passadas e que nessa, finalmente, pudemos nos ajudar e crescer juntas. Dizem que os dias mais importantes de nossas vidas são dois: o primeiro, é quando nascemos e o segundo quando descobrimos o porquê. Acrescento aqui um terceiro dia importante para mim, foi em que te conheci. Por você, todo amor e gratidão. *MQT.*

## AGRADECIMENTOS

À Maria Nazareth de Lima Arrais e Rose Maria Leite de Oliveira, coordenadoras do curso de Letras Língua Portuguesa, por todo empenho e dedicação.

Ao querido professor Rafael Francisco Braz pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação integral a esse trabalho, abraçando minhas ideias.

A Deus, pelo dom da vida, por nunca ter me abandonado mesmo que eu não fosse digna de tamanho amor e preocupação.

À minha família, em especial, a minha mãe Cícera, por todo amor, todo cuidado e preocupação. Por ter dividido cada dor, cada sorriso e por estar presente mesmo que distante nesses quatro anos e meio de caminhada.

Aos meus avós, Cândida e Luís, por todo cuidado e por terem me guiado de forma tão honesta para que eu pudesse ser quem sou hoje.

Ao meu irmão Gilson, por toda oração, por toda fé em si e nas pessoas que ama e por nunca ter parado de me ajudar em nenhum momento de nossas vidas.

À minha tia Conceição, por ter me servido de inspiração, por ter me mostrado que existiam outros caminhos, sendo um deles o que me trouxe até aqui. Sem você, isso tudo não seria possível.

À minha tia Verônica, por todo suporte prático nessa trajetória, como também aos meus primos pela convivência harmoniosa que facilitava a caminhada.

À minha grande amiga e companheira da vida Lilian Guedes, por toda doação e preocupação nesses anos de convivência. Metade dessa conquista é sua.

Aos meus amigos fiéis de caminhada Rhaul Leandro e Thais Ribeiro. Quatro anos meio galgados com muita luta, mas também como muita alegria. Sou grata pelo conhecimento compartilhado e por todo suporte que me ajudou e ajuda até hoje.

À Maria do Socorro, um exemplo de força e cuidado. Sou grata por todo tempo prestado e por toda confiança depositada em mim.

Ao ex e futuro presidente do Brasil, Luís Inácio Lula da Silva, por ter me proporcionado, de forma indireta, o direito de ter sido graduada numa instituição pública e federal. Por ter alimentado aos milhões que viviam na linha da pobreza e na zona rural, na qual eu estive inserida por tanto tempo. Sou grata pelos projetos sociais voltados aqueles que mereciam, de fato, um olhar cuidadoso. Eternamente grata.

“Quando eu vim do sertão, seu moço, do meu Bodocó, a malota era um saco e o cadeado era um nó. Só trazia a coragem e a cara, viajando num pau-de-arara.... Eu penei, mas cheguei.”

**Luiz Gonzaga**

## RESUMO

O estudo da Lexicologia com contribuições lexicográficas torna-se imprescindível nessa fase, pois é a lexicologia que irá trabalhar todos os empregos das palavras, as colocando de forma contextualizada e trabalhando seu emprego no ato comunicativo, desde a sua radicalização até sua forma pronta. Portanto, propomos investigar como o léxico regionalista nordestino se apresenta na obra romanesca *A barragem*, de Ignez Mariz (1994). Assim, poderemos passear desde a contextualização da formação lexical até sua apresentação numa microrregião paraibana, passando também pela lexicografia, trazendo o conceito dicionarizado de cada palavra tida como regional. Para atingir ao objetivo pré-estabelecido, esta pesquisa é caracterizada como bibliográfica e de abordagem qualitativa. Para este estudo, lançamos mãos dos pressupostos teóricos postulados por Basílio (2013), com seu aparato teórico geral sobre a Lexicologia, assim como Perini (2007), Oliveira & Isquierdo (2001), considerando também os postulados de Rocha (1998), Basílio (1980), Biderman & Andrade (2001), Correia (2012) e Krieger (2011). A análise nos mostra a necessidade de trabalhar a língua como estrutura viva. Desse modo, a partir dessa pesquisa realizada com fragmentos da obra em questão, trouxemos uma abordagem contextualizada da linguagem nordestina e de sua representação dicionarizada, pois constatamos que tal feito se faz necessária para que possamos destacar o Nordeste como também sua representação por meio de livros literários.

**Palavras-chave:** Lexicologia. Palavra. *A barragem*. Ignez Mariz. Paraibana.



## RESUMEN

El estudio de la Lexicología con aportes lexicográficos se vuelve fundamental en esta etapa, ya que es la lexicología la que trabajará con todos los usos de las palabras, situándolas de manera contextualizada y trabajando su uso en el acto comunicativo, desde su radicalización hasta su forma pronta. Por ello, nos proponemos investigar cómo se presenta el léxico regionalista nordestino en la obra novelística “*A barragem*”, de Ignez Mariz (1994). Así, podremos caminar desde la contextualización de la formación léxica hasta su presentación en una microrregión de Paraíba, pasando también por la lexicografía, trayendo el concepto de diccionario de cada palabra considerada regional. Para alcanzar el objetivo preestablecido, esta investigación se caracteriza por ser bibliográfica y con un enfoque cualitativo. Para este estudio se utilizaron los supuestos teóricos postulados por Basilio (2013) con su aparato teórico general sobre Lexicología, así como Perini (2007), Oliveira & Isquerdo (2001), considerando también los postulados de Rocha (1998), Basílio (1980), Biderman & Andrade (2001), Correia (2012) e Krieger (2011). El análisis nos muestra la necesidad de trabajar con el lenguaje como estructura viva. De esta forma, a partir de esta investigación realizada con fragmentos de la obra en cuestión, trajimos un acercamiento contextualizado a la lengua del noreste y su representación en el diccionario, pues encontramos que tal hazaña es necesaria para que podamos resaltar tanto el nordeste como su representación a través de los libros.

**Palabras-clave:** Lexicología. Palabra. “*A barragem*”. Ignez Mariz. Paraíba.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CFP	-	Centro de Formação de Professores
LP	-	Língua Portuguesa
PB	-	Paraíba
RAE's	-	Regra de Análise Estrutural
RFP's	-	Regra de Formação de Palavras
TCC	-	Trabalho de Conclusão de Curso
UAL	-	Unidade Acadêmica de Letras
UFCG	-	Universidade Federal de Campina Grande

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>12</b>
1.1 PERCURSO METODOLÓGICO	15
<b>2 BREVES APONTAMENTOS SOBRE O LÉXICO</b>	<b>18</b>
2.1 CONHECENDO À LEXICOLOGIA E A LEXICOGRAFIA	23
<b>3 UMA VOZ PARAIBANA: IGNEZ DA SILVA MARIZ</b>	<b>27</b>
3.1 A BARRAGEM: RELAÇÃO LÉXICA E OBRA	28
<b>4 GLOSSÁRIO: A PALAVRA NA ESCRITA DE IGNEZ MARIZ</b>	<b>31</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>40</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>42</b>

## 1 INTRODUÇÃO

*“Léxico é um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos [que] abrange todo o universo conceptual dessa língua. [...] é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades”.*

(BIDERMAN, 1978, p. 139).

A Língua Portuguesa (LP), em sua totalidade, dispõe de muitos aspectos interessantes que podem servir como base de estudo para aqueles que desejam conhecer melhor sua língua, seja numa abordagem semântica, seja numa abordagem estrutural. Entretanto, é fácil encontrar pontas soltas que são dignas de atenção e que podem servir como objeto de pesquisa científica, a fim de demonstrar as várias possibilidades nas quais a língua se apresenta e, assim, tratá-la como uma estrutura viva e não estática passível de análise apenas sintática.

Com isso, torna-se necessário que trabalhemos a língua em sua totalidade, percebendo todos os processos de manipulação desta. Para que possamos entender nossa língua e conseqüentemente a fala, devemos começar por seu processo primitivo, que, nesse caso, se dá na fase de criação das palavras, ou seja, do léxico disposto aos falantes para que a comunicação seja efetivada dentro das estruturas propostas pela língua de uma forma geral e linear.

Para tanto, o estudo da Lexicologia com contribuições lexicográficas torna-se imprescindível nessa fase, pois é a lexicologia que irá trabalhar todos os empregos das palavras, as colocando de forma contextualizada e trabalhando seu emprego no ato comunicativo, desde a sua radicalização até sua forma pronta. Passear pelo processo formativo de palavras, é viajar no tempo para conseguir entender os motivos de dados lexemas terem sua forma estrutural tal que se encontram hoje.

Desse modo, para que possamos explorar todos os campos presentes no processo formativo de palavras, sobretudo do léxico regionalista do Nordeste, esse trabalho foi construído em cima de argumentações teóricas profícuas, com base numa obra regional literária, para que se pudesse dar ênfase e contextualizar o leitor de como o léxico nordestino se apresenta em sua forma mais natural possível, fazendo o jogo do real com a representação por meio da literatura.

Assim, poderemos perceber que a LP se apresenta em várias formas, mas que geralmente apresenta um mesmo sentido e partindo de uma mesma estrutura. É inevitável que o processo de língua e fala não seja representado nesse trabalho, haja vista que os aspectos regionais, como

é de conhecimento de todos, faz parte do processo oral, ou seja, da efetivação da língua por meio das interações sociocomunicativas.

Portanto, nesta monografia, propomos investigar como o léxico regionalista nordestino se apresenta na obra romanesca *A barragem*, de Ignez Mariz (1994). Assim, poderemos passear desde a contextualização da formação lexical até sua apresentação numa microrregião paraibana, passando também pela lexicografia, trazendo o conceito dicionarizado de cada palavra tida como regional.

Para atingir ao objetivo pré-estabelecido, esta pesquisa é caracterizada como bibliográfica, que de acordo com Prodanov e Freitas (2013, p. 54) é aquela pesquisa “[...] elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de: livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, [...]”. Em relação à abordagem, ela é qualitativa.

Assim, como forma de contextualização da obra, iremos trabalhar o romance de 30, *A Barragem*, de Ignez Mariz (1994). O livro de cunho regional se dá na narração da construção de uma barragem localizada em São Gonçalo, na região de Sousa, Paraíba, quando essa ainda era distrito do município de Cajazeiras, PB. O romance traz a luta dos retirantes nordestinos que procuram melhorias em sua vida, quando saem de sua terra natal para encontrar um meio de sobreviver em outro lugar, mostrando as lutas e as alegrias do povo sertanejo daquela região.

A autora dessa obra, Ignez da Silva Mariz, nascida em 26 de dezembro de 1905, é tida como uma das grandes escritoras nordestinas responsáveis por trazer em suas obras temas sociais, atribuídos a críticas voltadas à situação política e socioeconômica por meio de contextualizações que se assemelham a realidade de sua época. Ignez foi formada em Pedagogia no Colégio da Neves, na cidade de João Pessoa, PB, dando-lhe, assim, maestria para se utilizar de todo seu conhecimento acadêmico na escrita de suas obras literárias.

Sendo assim, justificamos a pesquisa, em primeira mão, na importância de trabalhar com obras que exalte as autoras nordestinas da literatura de 1930. A literatura regional, assim como da escritora sousense *Ignez Mariz*, paraibana, que foi uma das grandes escritoras de obras romanescas, relatando as dificuldades dos sertanejos da década de 30. Em seguida, ressaltar o dialeto nordestino, a fim de mostrar a riqueza da nossa língua e, junto a isso, mostrar a diversidade linguística em nosso país e as características específicas que esse regionalismo traz com sua bagagem cultural.

Para este estudo, lançamos mãos dos pressupostos teóricos postulados por Basílio (2013), com seu aparato teórico geral sobre a Lexicologia, assim como Perini (2007), Oliveira e Isquierdo (2001), considerando também os postulados de Rocha (1998), Basílio (1980), Biderman e Andrade (2001), Correia (2012) e Krieger (2011).

Nesta seção introdutória, como primeiro capítulo, tecemos as considerações sobre pontos essenciais do desdobramento da presente pesquisa, tais como temática, problema de pesquisa, objetivos gerais e específicos, teoria, metodologia e justificativas. Dentro dessa seção, há uma subseção destinada ao percurso metodológico que a presente pesquisa seguiu. Além dessa seção, este trabalho está dividido em três capítulos retóricos, os quais obedecem à seguinte ordem:

O segundo capítulo destina-se a discutir a teoria do léxico e da lexicologia. Nesse capítulo, fizemos uma síntese abordando o conceito do léxico, pois neste encontra-se todos os fenômenos linguísticos ocorridos na língua, fenômenos esses possíveis de serem identificados em qualquer obra literária ou em qualquer ocorrência de fala. Após isso, tratamos da lexicologia como ciência que estuda e analisa a palavra, por fim, categorizar o léxico e a estrutura do léxico.

O terceiro capítulo, destina-se a uma breve apresentação dos livros *corpus*, em sua estrutura cultural do universo da linguagem nordestina, marcas do regionalismo, como também, breve apontamento sobre a autora paraibana e os recursos expressivos de criação poética para expressar em palavras a construção cultural paraibana no romance.

No quarto capítulo, consideremos o *corpus* de análise para discussão e apontamentos, a partir da leitura e análise de termos e expressões regionais nordestinas a partir de todas as palavras que ganha sentido quando estão dentro de um contexto, o qual eles se encaixam na narrativa. Por último, a construção, a partir dos léxicos que marca a identidade cultural paraibana, organizados em ordem alfabética.

Por fim, em nossas considerações finais, elencamos os resultados obtidos nesta investigação, momento em que destacamos como alcançamos os objetivos propostos, seguindo os critérios pré-estabelecidos a fim de elucidar a papel do léxico cultural no romance *corpus* desta pesquisa. Após isso, listamos as nossas referências bibliográficas, contendo a base teórica que deu suporte para o desenvolvimento deste Trabalho de Conclusão de Curso – TCC.

## 1.1 PERCURSO METODOLÓGICO

Esta pesquisa tem como base uma análise Lexicológica, a partir de lexemas tidos como regionais, haja vista que a ciência da Lexicologia atua no âmbito da caracterização do processo produtivo de vocábulos a partir de radicais pré-existentes ou novas palavras de uma língua, a fim de que se possa entender como são desenvolvidas as variações linguísticas por meio de um processo sócio-histórico-cultural que possibilita ao leitor a conhecer melhor sua língua em todas as suas formas, entendendo que o processo produtivo se dá pelos mais variados motivos, como podemos elucidar a partir do pensamento de Basílio (2013, p. 9) que:

Como estamos sempre (re) produzindo e (re)conhecendo novos seres, objetos e relações, precisamos de um sistema dinâmico, capaz de expandir à medida que se manifesta a necessidade de novas unidades de designação e construção de enunciados. Por exemplo, o léxico fornece unidades de designação para novos objetos, mecanismos ou condições, tais como computador, xerox, global, e também, a partir dessas novas unidades de construção de enunciados, tais como computação, computacional, xerocar, xerografar, globalizar, globalização etc. O léxico, portanto, não é apenas um conjunto de palavras. Como sistema dinâmico, apresenta estruturas a serem utilizadas em sua expansão. Essas estruturas, os processos de formação de palavras, permitem a formação de novas unidades no léxico como um todo e também a aquisição de palavras novas por parte de cada falante.

Nesta perspectiva, esta pesquisa, está baseada e construída em cima de uma análise de caráter teórico à luz da lexicologia e, logo, aplicada à literatura, mais especificamente, a um romance regional paraibano de autoria feminina. Dito isto, esta pesquisa é de cunho descritivo-interpretativo, haja vista que podemos ir além do que se pode mensurar, deixando o leitor a cargo de interpretar ou assimilar o que foi lido, levando as questões colocadas para sua realidade, de modo que possa entender como funciona, de fato, a Língua Portuguesa e sua variação.

Desse modo, de acordo com Lüdke e André (2014, p.14) os autores pontuam que esse tipo de pesquisa “[...] envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do

pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes”.

Para tanto, a natureza da abordagem é qualitativa, que de acordo com os preceitos básicos sobre uma abordagem desse cunho, se baseiam na interpretação e compreensão do *corpus*, sem que nos apeguemos a técnicas e procedimentos estatísticos. Assim, temos que “a pesquisa qualitativa [...] está relacionada aos significados que as pessoas atribuem às suas experiências do mundo social e a como as pessoas compreendem esse mundo. [...] interpretar os fenômenos sociais em termos de sentidos que as pessoas lhes dão” (POPE; MAYS, 2005, p. 13).

Sendo assim, essa pesquisa tem sua natureza embasada nos preceitos citados, visando não apenas trazer a cultura nordestina por meio de suas expressões culturais e históricas, mas também, demonstrar a partir da literatura regional o possível passeio entre a linguística e a literatura de modo que se possa dar ênfase aos traços mais específicos e tradicionais possíveis no que diz respeito à fala, à língua e à escrita, refratando expressões e falas da própria cultura nordestina.

Os dados aqui analisados foram coletados por meio de uma leitura analítica-interpretativa da obra *A Barragem*, de Ignez Mariz (1994), levando em consideração o campo lexicossemântico por meio da seleção de palavras que podemos classificá-las como regionais, sem esquecermos de analisar todo o contexto histórico, cultural e social da época da produção romanesca.

No tocante a relevância da pesquisa, devemos levar em consideração que a obra utilizada nesta pesquisa, faz parte de uma escola literária que teve muito destaque no Brasil, os conhecidos Romances, principalmente os da década de 30, tendo como outros grandes autores Graciliano Ramos com a obra *Vidas Secas* (1938), Rachel de Queiroz em *O Quinze* (1930), que trouxeram à tona o regionalismo nordestino de forma acentuada.

Para, além disso, *A Barragem* (1994) de Ignez Mariz, que também retrata a vida difícil dos retirantes nordestinos, nos dá a possibilidade de atuar em cima de um ponto de pauta já existente, mas pouco trabalhada no que diz respeito ao resgate e realce da cultura nordestina por meio da literatura e da linguística, dando ao leitor, um aparato lexicográfico com os significados dicionarizados e as concepções do autor dessa pesquisa.

Sobre a construção do *corpus* de investigação desta monografia, convém salientar que os dados coletados são de natureza documental que de acordo com Pope e Mays (2005, p. 46) afirmam que:



Às vezes é possível fazer uma anotação ou gravar informações no ambiente, outras vezes isso pode não ser prático ou pode ser postergado. Recordar eventos e conversas é importante e é uma capacidade que precisa de prática. A memória pode ser ajudada pelo uso de anotações rabiscadas, quando possível, durante a observação.

Dessa forma, o *corpus* foi coletado em 2 (duas) formas: a) fizemos uma análise geral da obra, qual sua relevância e se essa continha os aparatos necessários para que pudessemos trabalhar a partir dela. Seguimos com leitura e fichamento das partes que julgamos essências, ou seja, os lexemas a serem escolhidos deveriam ter cunho regional, como também, estarem num contexto que se fosse possível explica-lo e contextualizá-lo. Feito isso, passamos para a fase da leitura efetiva da obra, buscando sempre assimilar o *corpus* da obra em si com as pretensões que buscávamos trazer para esta pesquisa; assim, passamos a elencar as palavras ou expressões destacadas durante o fichamento ou resumo; b) desse modo, com as palavras elencadas, passamos para a parte lexicográfica, buscando no dicionário o seu significado para situar o leitor, de modo geral, o que cada lexema significa. Para além do significado oficial, fizemos uma análise voltada ao campo de uso efetivo dessas palavras, situando o leitor do seu uso recorrente ou não. Nos pressupostos teóricos Basílio (1980 e 2013), Perini (2007), Correia (2012) dentre outros, a fim de trabalhar o campo semântico, atribuindo sentido a todas as palavras definidas ao decorrer da leitura e descrição dessas, de acordo com o contexto dentro da obra. Desse modo, pudemos, também, abrir margem para que os leitores façam suas próprias leituras acerca de cada léxico categorizado nessa monografia.

## 2 BREVES APONTAMENTOS SOBRE O LÉXICO

Tradicionalmente, o léxico é definido como um conjunto de palavras de uma determinada língua e ele funciona como um banco de dados, no qual estão inseridas as unidades básicas no processo de formação dos enunciados. Nesse sentido, o léxico opera de forma a categorizar as coisas ao nosso redor, a fim de tornar possível a comunicação daquilo que se pretende dizer em determinado contexto, de acordo com o seu valor semântico e com o intuito de facilitar a comunicação nas mais variadas práticas sociocomunicativa.

De acordo com o pensamento de Basílio (2017), é necessário que haja um aglomerado de signos que torne o ato comunicativo efetivo. Para que seja possível a comunicação, é importante que se nomeie tudo a nossa volta, ou seja, lugares, pessoas, objetos, situações etc. Dessa forma, essas palavras, denominadas lexemas, foram criadas e colocadas de modo que estivessem a dispor e ao conhecimento de todos os falantes nativos (ou não) dessa determinada língua, tendo assim, iniciado o processo de organização dos enunciados.

Todavia, para que se entenda o léxico, é importante que se entenda o processo da formação de uma nova palavra. Para Rocha (1998), vários itens lexicais se criam a todo o momento na língua portuguesa e de várias formas. Ainda em sua obra e de acordo com Basílio (1987), Rocha (1998) afirma que a formação de um novo vocábulo está ligada a três funções: função de mudança categorial, função expressiva de avaliação e função de rotulação. A essas competem o processo de criação de vocábulos que serão o léxico propriamente dito. A primeira função, tida como mudança categorial, diz respeito às necessidades internas do sistema linguístico, fazendo com que um item lexical deixe sua função gramatical primitiva e passe a fazer parte de outra classe de palavras, tendo assim o surgimento de um novo item lexical, de acordo com necessidade e com o contexto.

Assim, haverá situações nas quais uma nova palavra será utilizada de acordo com o que o contexto pede, como no exemplo: “b- todos os religiosos daquela congregação são santos. Mas essa *santidade* só foi atingida, porque [...]” (ROCHA, 1998, p. 80). Pode-se perceber que a palavra *santidade* foi empregada de acordo com a necessidade do falante em explicar o motivo pelo qual os religiosos são santos, se utilizando de uma espécie reciclagem de uma palavra pré-existente e a adaptando a uma nova classe lexical.

A segunda função, tida como expressiva de avaliação, se dá no fato de que o sujeito falante se utiliza de afixos enfáticos para que sua subjetividade seja inserida na comunicação. Assim, o autor cita o exemplo de “*filhinho*, vai para a *caminha*, tomar o seu *leitinho*” (ROCHA,

1998, p. 80, grifos do autor), desse modo, podemos perceber que o falante, de acordo com sua intenção subjetiva, agrega sufixos afetivos a fim de concluir sua intenção comunicativa.

Por fim, a terceira função denominada de rotulação, se dá no fato da necessidade do falante de nomear tudo ao seu redor. Este processo formativo está diretamente ligado a fatos tecnológicos, históricos, culturais *etc.* Desse modo, os novos vocábulos vão acompanhando a história, levando em consideração seu contexto histórico-social, ao mesmo passo que mantém suas raízes em outras palavras e vai sendo introduzido na sociedade de diversas formas.

Ainda na perspectiva do processo de formação de palavras, é possível afirmar, segundo Rocha (1998), que a formação ainda pode ocorrer de duas formas: esporádica e institucionalizada. Sob a ótica de Bauer (1983:45), o autor afirma que a formação esporádica se dá num processo espontâneo de uma palavra nova em determinado contexto e por impulso do autor/falante.

Desse modo, pode-se perceber, especialmente nessa era tecnológica que vivemos, que novas palavras são criadas constantemente nas redes sociais, muitas dessas usadas apenas nesses ambientes e em poucas vezes, confirmando o que Katamba (1994, p. 150-151 *apud* ROCHA, 1998, p. 81) aponta em sua obra quando alega que “São NONCE WORDS (palavras cunhadas pela primeira vez), que não são institucionalizadas”.

Por outro lado, a formação institucionalizada se dá no oposto da esporádica. Desse modo, tem-se uma formação desse cunho quando uma palavra passa a ser utilizada em vários contextos pelos mais variados falantes. Entretanto, para que seja institucionalizada, a palavra precisa passar por dois métodos de avaliação: primeiro é o prestígio de que a proferiu pela primeira vez, o contexto e o número de alcance da palavra faz com ela saia de esporádica para institucionalizada. O segundo ponto é de que é preciso considerar o veículo de comunicação pelo qual o novo vocábulo foi anunciado.

Sendo assim, o autor afirma que deve ser levado em consideração que palavras são institucionalizadas na língua por convenção, pois algumas se tornam mais práticas do que outras, sendo assim “fica muito mais enfático e apelativo, com mais possibilidades, portanto, a institucionalização, o uso de ‘fumódromo’ do que de ‘sala de fumantes’” (ROCHA, 1998, p. 83).

Portanto, como a sociedade vive numa constante construção, reconstrução e num processo permanente de descoberta, não é possível alegar que existe um léxico pronto e estático. A língua como unidade viva, que se transforma de tempos em tempos, precisa ser atualizada de acordo com o contexto vigente, sendo necessário que o léxico seja atualizado e que esse acompanhe as constantes transformações da língua.

De acordo com Pires (2001), com o avanço natural das coisas ao seu redor, as comunidades precisavam se adaptar tanto funcionalmente como linguisticamente e este processo de civilização fez com que o repertório lexical fosse aumentando, a fim de abarcar o processo de nominalização dos seres e objetos ao nosso redor.

Com isso, tem-se a constante expansão lexical das línguas vivas que precisaram se adaptar às novas realidades. Na atualidade, com o constante avanço da ciência e da tecnologia, há um crescimento significativo no léxico do português e de outras línguas de modo geral. O léxico não deve ser visto apenas como um conjunto de palavras e suas cargas semânticas, pois esse faz parte de um sistema dinâmico, no qual está sujeito a expansão, tendo como resultado um processo contínuo de construção de novas palavras.

Conforme Pires (2001), os processos de transformações são constantes e não se pode considerar essa descoberta de novos signos apenas como um aumento de símbolos que precisariam passar por um processo decorativo por parte dos falantes, pois esse processo poderia sobrecarregar o armazenamento e memorização dessas novas palavras, tendo em vista que para cada novo signo criado, seria necessário um período para adaptação e memorização.

Nesse sentido, para Basílio (2017), com o intuito de que o sistema linguístico funcione da melhor forma possível e garantindo a sua eficiência, o processo de formação de palavras passa a ser efetivado a partir de palavras que já existem no léxico atual de uma dada língua, sendo utilizado um padrão previamente estabelecido por ordem sintática no qual essa determinada língua funciona. Neste sentido, para autora “o léxico é ‘ecologicamente correto’: temos um banco de dados em permanente expansão, mas utilizando, sobretudo, material já disponível, o que reduz a dependência de memória e garante comunicação automática” (BASÍLIO, 2017, p. 10).

Nesta linha argumentativa de pensamento, Basílio (2007), argui que o léxico, como parte da estrutura comunicativa, pode ser observado em duas vertentes iniciais: o léxico externo, que diz respeito as palavras conhecidas pelos falantes de uma língua e que é expresso nos dicionários, de forma categórica e quantitativa, enquanto o léxico interno está relacionado ao conhecimento geral dessa estrutura, permitindo, assim, a interpretação e produção de novas palavras. Desse modo, pode se observar que não basta categorizar o léxico como um conjunto de palavras, mas sim como uma estrutura viva e significativa que se adequa e se modifica de acordo com a necessidade linguística.

Seguindo esta mesma perspectiva, Perini (2007) reforça a ideia de que, para que se possa entender como o léxico age dentro da gramática, é necessário primeiro entender como uma determinada língua funciona. Para ele, o domínio de uma língua se dá a partir dos

conhecimentos prévios a respeito das regras estruturais dela, fazendo com que, assim, se torne possível entenderem como cada palavra age num determinado enunciado, considerando sua acentuação, entonação *etc.*

A diferença entre o conhecimento regular e o conhecimento particularizado fica bem clara quando consideramos as pseudos palavras *epólogo* e *tpelóg*. Do ponto de vista das regras do português, *epólogo* é perfeitamente bem formada: nenhuma regra proibiria a existência de tal palavra, ao contrário de *tpelóg*, que não é **nem poderia ser** uma palavra do português. Acontece de *epólogo* nem *tpelóg* existem em português; mas *tpelóg* não existe porque 'fonologicamente mal formada. (PERINI, 2005, p. 344, grifos do autor).

Por conseguinte, Perini (2007) se utiliza as palavras “epólogo” e “tpelóg” para concretizar o pensamento anterior, pois há uma diferença clara entre o conhecimento regular e o particularizado. Desse modo, “tpelóg” não atende aos requisitos básicos da nossa língua, sendo assim, não pode ser uma palavra da língua portuguesa; entretanto, “epólogo” atende aos requisitos básicos de organização de uma palavra na nossa língua, mesmo assim, essa não existe no português.

Portanto, se o falante não tiver domínio de conhecimentos inerentes à língua, tampouco tiver o conhecimento das palavras dessa mesma língua, não há regras que o façam se comunicar fluentemente. Ou seja, saber sintaticamente como funciona a língua, não garante que haja comunicação caso o indivíduo não saiba todas as palavras de uma língua como o português, por exemplo.

Rocha (1998) levanta uma questão muito pertinente ao tocando da formação de palavras quando sugere que há uma problematização acerca do conceito de léxico e quais seriam os requisitos para que uma palavra seja taxada como morfema ou léxico. Segundo ele, existem palavras que não são categorizadas como palavras propriamente ditas, como por exemplo: sub-, re-, mento- *etc.*, no entanto essas palavras também são dicionarizadas e os falantes as reconhecem no seu sistema linguístico.

Desse modo, autores consideram as palavras dessa lista como morfemas, sem que seja considerado que os falantes conhecem não somente esses morfemas de forma isolada, mas também o produto, ou seja, o resultado que se dará a partir da junção desses afixos com outras palavras.

Ora, as bases citadas não são morfemas, mas palavras complexas da língua, que existem no léxico mental dos falantes. É preciso considerar, no entanto, que além dos lexemas o falante conhece as BASES PRESAS (hidro-, bio-, geo-, agro-, -logia, -grafia, *etc.*). [...] vimos que os afixos são conhecidos dos falantes. Além disso, é preciso considerar que o falante utiliza outras formas

linguísticas, como as formas dêiticas e as dependentes, as desinências e as vogais temáticas (ROCHA, 1998, p. 62).

Contudo, o autor afirma que, no português, mesmo que de forma inconsciente, o falante conhece a palavra “paquerar”, assim como conhece o sufixo “-dor” e o resultado final dessa junção se dá em “paquerador”. Por outro lado, o mesmo falante está ciente de que o termo “apelidar” existe na nossa língua, entretanto, o produto fruto da junção com o sufixo “-dor” acarretaria em “apelidador”, sendo essa uma palavra incomum ao seu conhecimento.

Desse modo, ele afirma que os lexemas devem ser vistos como palavras que tem raiz, ou seja, que servem como base para o surgimento de outras palavras no mesmo sentido semântico e estrutural, mas que precisa concordar com de forma sintática de acordo com o seu contexto.

Por fim, Rocha (1998) define que o léxico mental não é formado por morfemas como também conclui que não há sentido em afirmar que as palavras consideradas “raiz” fazem parte do léxico, mas sim que outros itens, como os afixos citados, fazem parte apenas das regras presentes na língua. Para ele, as regras estão inseridas nos processos que constituem os itens lexicais.

Dito isso, é importante que ressaltar que para além das definições anteriormente citadas, há também o que o autor chama de condições de produtividade e condições de produção. Antes de tudo, é necessário que se entenda também as chamadas RFP’s (Regra de Formação de Palavras) e RAE’s (Regra de Análise Estrutural).

As RFP’s estão ligadas a tudo que foi dito anteriormente, haja vista que elas são trabalhadas no processo de criação de léxicos com base em raízes pré-existentes. Essa produção pode ser entendida quando trazemos para uma abordagem mais próxima, como na LP, por exemplo. Ora, a formação de verbos quando associados ao prefixo “des-“ por exemplo, acarretam em formações esporádicas, como explicado anteriormente, tendo assim a criação de “desmorreu”, no sentido de dizer que o ser ressuscitou, como explica o autor.

Em contrapartida, os RAE’s dizem respeito somente à relação sistemática entre palavras ou conjuntos dessas, tendo o seu foco para além da produção de novos vocábulos. Portanto, Rocha (1998, p. 84) afirma que a morfologia gerativa poderia atuar na incisão e efetivação das regras de produção de palavras e conclui que “Vale a pena ratificar as palavras de BAUER [...]: A única maneira realista de se obter uma compreensão adequada de como funciona a formação de palavras é ignorando-se as formas lexicalizadas e concentrando-se nos processos produtivos”.

Tendo conhecimentos das regras descritas anteriormente, agora vamos atentar para as condições de produtividade e de produção. Assim, Rocha (1998) coloca sobre a teoria de Basílio (1990, p. 3) que:

[...] uma vez estabelecida a esfera da competência lexical no conceito de produtividade, este conceito deve ser entendido tão somente como medida do potencial que uma regra tem de operar sobre bases especificadoras para produzir construções morfológicamente possíveis.... As condições de produtividade de uma regra devem ser distintas das condições de produção, que dependem de fatores de ordem pragmática, discursiva e paradigmática. (BASÍLIO, 1990, p. 3).

Tendo em vista que as palavras são criadas a partir de palavras já existentes e não apenas fazendo a união de raízes com desinências, podem-se definir as condições de produtividade como aquela que habilita uma mudança categorial, morfológica e semântica de uma dada palavra, tendo a junção da raiz+afixo, por exemplo, para se obtenha um produto.

Desse modo, Rocha (1998) toma como exemplo a palavra *dólar*, que, pela RFP, é acrescentado o sufixo –eiro, tendo como produto a palavra *doleiro*, sendo essa uma palavra real no português, trazendo consigo carga sintática e semântica. Por outro lado, a palavra *franca* tem as condições necessárias para ser uma base, ou seja, tem condições de produtividade, haja vista que existe na nossa língua, porém, se acrescida do sufixo –eiro, passará a não ser uma palavra real em português. Sendo assim, essa tem potencial de produtividade segundo a RFP, entretanto tem problemas com as condições de produção.

## 2.1 CONHECENDO À LEXICOLOGIA E A LEXICOGRAFIA

A Lexicologia é a ciência que atua no estudo e análise das palavras, como também, caracteriza o léxico e sua estruturação formal, buscando verificar as relações do universo natural da palavra em seus aspectos sociais, histórico e culturais para determinar a comunidade que constrói, reconstrói e modificam o conjunto de palavras de uma língua.

Desse modo, o conceito de léxico tem a sua necessidade expansiva e a constante transformação no uso da língua, assim, fez-se necessário que houvesse a criação de uma ciência que agisse de modo a explicar esses fenômenos e acompanha-los de perto, para que se pudesse esclarecer como funciona o real processo de formação, estruturação e categorização das palavras, conforme Andrade (2012, p. 191) quando pontua que:

No campo das definições, pode-se dizer que a lexicologia é o estudo científico do léxico, isto é, propõe-se a estudar o universo de todas as palavras de uma língua, vistas em sua estruturação, funcionamento e mudança, cabendo-lhe, entre outras tarefas: definir conjuntos e subconjuntos lexicais; examinar as relações do léxico de uma língua com o universo natural, social e cultural; conceituar e delimitar a unidade lexical de base – a lexia-, bem como elaborar os modelos teóricos subjacentes às suas diferentes denominações; abordar a palavra como instrumento de construção e detecção de uma “visão de mundo”.

Dito isso, vale salientar que, apesar de ter sua importância no que diz respeito ao estudo das palavras, à identificação e definição das unidades lexicais, o tema ainda recebe pouca atenção por parte dos linguistas, principalmente nos trabalhos Lexicográficos, segundo Biderman (2012). A autora afirma que a categorização lexical, ligada à gramática, é pouco discutida, exceto nos casos de total enfoque por parte dos gramáticos, ao passo que o problema da estruturação lexical consiste no fato de que essa é pouco conhecida e dispõe de alta complexidade, sendo pouco abordada em pesquisas científicas.

Desse modo, a Lexicologia tem focado na formação de palavras, ligando-se a Morfologia lexical, como também, tem se dedicado ao neologismo, que se preocupa, exclusivamente, com a criação de novas palavras. Essa ciência pode ser definida em dois aspectos: a-) o primeiro a capacidade de renovação natural do léxico de uma determinada língua e a incorporação das novas unidades, ou seja, o neologismo em si; b-) O segundo ao aspecto de como esses neologismos vão surgindo numa dada língua.

De acordo com Correia (2012), a autora expõe que a terminologia pode ser caracterizada, também, como uma “especificidade” da lexicologia, haja vista que essa trabalha linguagens específicas e não todas as palavras de uma determinada língua. À luz do pensamento de Barbosa (1991), Andrade (2012, 192) afirma que:

Inegavelmente, a terminologia tem por objeto as questões acima enunciadas, para o caso da lexicologia, mas, ainda segundo a autora acima citada, ultrapassa esses limites, pois entre suas diversas tarefas cabe-lhe o estudo das relações de significação (expressão e conteúdo) do signo terminológico, o que inclui a complexa dinâmica da criação desse signo (neonímia), e da renovação e ampliação dos universos de discursos terminológicos.

Portanto, tendo em vista a constante criação de novas palavras, Correia (2012) alicerça à ideia de que todos os falantes de uma língua são capazes de reconhecer as palavras do seu idioma, entretanto, ocorre que algumas palavras podem chegar à mente dos falantes de forma mais fácil do que outras, pois “quando pedimos a um falante que diga palavras que conhece, o mais provável é que enuncie substantivos, adjetivos e verbos” (p. 13).



Sendo assim, Correia (2012), expressa que isso causa a impressão de que há palavras consideradas mais palavras do que outras, devido ao fato de que as classes substantivas, adjetivas e verbais remetem, mais facilmente, às interações reais nas atividades extralinguísticas, enquanto as outras categorias são inferidas apenas em atividades intralinguísticas, tendo seus significados atribuídos apenas gramaticalmente.

Seguindo ainda o raciocínio da autora, ela conclui que o significado lexical é constituído em “classes abertas de palavras”, sendo essa que permite um fluxo maior de entrada de novas unidades lexicais, resultando na classe que apresenta o maior número de unidades e que ocorre de forma intensiva, no neologismo.

Por outro lado, a classe fechada de palavras, considerada finita – tendo em vista que a classe anterior é infinita por fazer parte de um conjunto em constante expansão – é composta de um número reduzido de palavras e que se abstrai de mudanças significativas, haja vista seu teor, em grande parte, gramatical, pois de acordo com Correia (2012, p. 13):

As palavras de significado lexical constituem classes abertas de palavras, uma vez que essas classes admitem a entrada constante de novas unidades; por isso não é de estranhar que as classes abertas da língua sejam as que apresentam um maior número de unidades (em ordem decrescente: substantivos, adjetivos e verbos) e que sejam também aquelas em que tipicamente ocorrem neologismos, isto é, palavras novas. Em contrapartida, as palavras de significado gramatical constituem classes fechadas de palavras, classes finitas, constituídas por um número relativamente reduzido de elementos e nas quais raramente ocorre inovação, visto que as mudanças nessas classes têm consequências no nível da estruturada língua.

Tendo em vista as afirmações acima, Correia (2012, p.15) reforça que a lexicologia pode ser vista a partir de dois pontos de vista: I) O primeiro partindo do léxico, quando observado como um “conjunto virtual de todas as palavras de uma língua, isto é, o conjunto de todas as palavras da língua, as neológicas e as que caíram em desuso” e II) do vocabulário, sendo o “conjunto factual de todos os vocábulos atestados num determinado registro linguístico, isto é, o conjunto fechado de todas as palavras que ocorrem de fato num discurso”.

Com base no que foi pontuado a partir do pensamento de Correia (2012), os autores Carvalho e Bagno (2011) alicerçam que a indistinção do léxico se dá no fato de que um item lexical é tido como *palavra* no ponto em que o seu significado não ocorre na especificidade de um conceito ou conhecimento especializado, ao passo que *termo* será utilizado apenas no contexto profissional, servindo para conceituar uma temática específica. Assim, podemos afirmar, segundo os autores, que a Lexicologia também atua junto a terminologia, haja vista que essa também faz parte da estrutura lexical como um todo.

Diante de tais explicações, cabe, aqui, salientar os pontos nos quais atuam a terminologia, a fim de demonstrar que a ciência do léxico pode atingir vários níveis e categorias. Desse modo, Carvalho e Bagno (2011) explicam que até pouco tempo atrás, os dicionários eram restritos a espectros de obras muito parecidas, haja vista que a lexicografia era responsável pelo incansável registro do léxico de uma determinada língua.

Por outra ótica e, segundo os autores Carvalho e Bagno (2011), as produções ligadas à lexicografia foram ganhando outras formas e outros meios de suporte que não o tradicional. Dentre essas, foi possível encontrar os léxicos de caráter terminológicos, tidos como os que empregam os dicionários técnico-científicos.

Ambas mantêm um eixo comum, mas também pontos de disjunção. São ciências do léxico que se conjugam pelo fazer dicionarístico, tanto que é bastante comum a denominação “terminografia” para designar a produção de obras de referência terminológica, expressando uma busca de correspondência com a lexicografia aplicada. (CARVALHO e BAGNO, 2011, p. 74).

Contudo, os autores atestam que os dicionários voltados ao léxico geral estão ligados a lexicografia, tendo, antes, passado pela categorização da lexicologia e os dicionários voltados a termos específicos fazem parte do que se chama por terminologia. Todavia, apesar de terem um ponto em comum quanto ao tocante do léxico, elas se distinguem pelo fato de terem uma identidade própria no que diz respeito a sua finalidade com o uso de objetos específicos e se diferem, também, pela metodologia adotada para alcançar seus objetivos de estudo e registro.

### **3 UMA VOZ PARAIBANA: IGNEZ DA SILVA MARIZ**

Ignez da Silva Mariz nasceu em 26 de dezembro de 1905, na cidade de Sousa, Paraíba. Filha de Emília Pordeus e Dr. Antônio Marques da Silva Mariz, a sousense teve a oportunidade

de cursar Pedagogia na cidade de João Pessoa, Paraíba, no Colégio da Neves, onde começara a se tornar escritora e romancista precursora entre as mulheres paraibanas na literatura regional.

Ignez foi casada com Carlos Pordeus Meira e de sua união nasceu um único filho, Paulo Antônio. A autora faleceu aos 47 anos de idade por negligência médica, de acordo Erich (2009) embasado nos argumentos de Nóbrega (1994, p. 28) no prefácio do romance, corpus desta pesquisa, assim pontua:

Em 1952, Ignez - cuja escritura sempre vergastou desigualdades - decidiu fazer extraordinária experiência. Querendo escrever sobre os que infelizmente buscam nossos hospitais e também infelizmente não os encontram, fez-se de indigente e internou-se em nosocômio público carioca, para... para operar-se das amígdalas, que de nada sofria. Vocês acertaram: ela morreu asfixiada na mesa de cirurgia [por negligência médica] - faltou oxigênio e não houve jeito de arrumar novo tubo.

Para o pesquisador Erich (2009) conclui a biografia da autora afirmando que ela foi "a voz dos flagelados nas plagas sertanejas; contrária às injustiças sociais e entregue à defesa dos menosprezados" (p. 30). Ignez Mariz foi conhecida por fazer parte do grupo de autoras da década de 30, os quais se preocupavam em descrever as lutas de ordem sociais e do seu povo e colocar em evidência o papel da mulher naquela sociedade, com o também, desempenhavam o papel de dar visibilidade ao povo sofrido e assolado pela seca que ocorrera no Nordeste nesta mesma época. Desse modo, sob a ótica de Sales (2005, p. 97), o ator expõe que:

Era uma mulher apaixonada pela vida, sob todas as formas, que amava, que buscava e aprofundava o contato com os seres humanos, com a arte, com a ciência. Estava comprometida em transformar mentalidades, combater a ignorância e defender os direitos das classes populares, especialmente, das mulheres.

Desse modo, podemos concluir que a obra da paraibana Ignez Mariz, além de trazer suas características regionais, ainda traz os traços de uma escrita marcada pelas relações de gênero, com um pensamento crítico acentuado para época, a fim de expressar à visão do imaginário simbólico que rodeia a construção imagética ficcional do romance *A Barragem*.

### 3.1 A BARRAGEM: RELAÇÃO LÉXICA E OBRA

Tendo como base para sua narrativa as características próprias dos romances da geração 30, a paraibana Ignez Mariz, traz em sua obra *A Barragem* publicada no ano de 1937 retrata a

verossimilhança da realidade dos sertanejos retirantes no estado da Paraíba, mais precisamente na construção do açude na cidade de São Gonçalo, localizado na região de Sousa, PB, quando ainda este era distrito de Cajazeiras, PB.

O romance de caráter regionalista se dá na contextualização da vida de Zé Mariano, nordestino forte, retirante e que trabalha na construção desse açude, mostrando suas peripécias e dificuldades que as pessoas, que também passaram pela seca que devastara o Nordeste na década de 30.

Desse modo, podemos fazer uma alusão à obra *Vidas Secas* (1938), de Graciliano Ramos, o pai de família, assim como Fabiano da referida obra, enfrentara a fome e o trabalho quase que escravo e cansativo, na tentativa de sobreviver e dar assistência a sua família, composta por Mariquinha, sua esposa, e Maria dos Remédios, sua filha; carinhosamente, chamada pelos parentes próximos de Memé.

Sendo assim, tendo como característica própria da escola literária romancista o tempo e espaço, o enredo começa com a contextualização dos fatos e detalhes que se passam na vida de Zé Mariano, personagem principal, ao despertar pela manhã com o som do apito que soava no barracão, mostrando que ali se iniciava um momento ímpar na história daquele lugar, com a construção da mais nova barragem que revolucionaria e tiraria muitos da miséria, como traz a narrativa em, “Mas, está satisfeito. Todo mundo está contente, aliás. Um homem não precisa mais estender a mão, humilhado, para matar a fome. Tem agora com o que se ocupar.” (Mariz, 1994, p. 4). Assim, com a força e coragem inatas do nordestino, a autora traz em linhas compostas por uma linguagem simples, mas antiga, os exercícios difíceis das pessoas envolvidas de forma direta ou indireta naquela edificação.

Com sua narrativa com foco nos aspectos sociais da época, a autora transcreve a situação do coronelismo de forma acentuada em sua trama romanesca. É possível observar tais detalhes desse regime político quando Ignez descreve a situação do “*Barracão*”, onde os coronéis colocavam a venda produtos alimentícios em variedade, mas com preços absurdos, somado a imposição de que seus funcionários pudessem comprar os produtos com o mesmo dinheiro que recebiam por seus dias de trabalho na construção da barragem.

Nesta mesma linha de pensamento, Mariz caracteriza a sociedade da época, mostrando a ascensão de Zé Mariano dentro da obra hídrica, quando esse passa de cava-terra a apontador, tendo como consequência a sua mudança de endereço, haja vista que o homem humilde agora faria parte de outra classe social que não se enquadra mais naquela dos mortais. Agora, Zé Mariano fazia parte de uma elite imaginária e de puro vislumbre de sair de uma vida precária para uma menos sofrida, já que mesmo fazendo parte de outro nicho dentro da empresa, ele

ainda sofria junto aos antigos colegas com os problemas de falta ou atraso de pagamento mostrando, assim, até que chegasse ao escalão mais alto daquela construção, Zé Mariano continuaria fazendo parte da classe dos meros trabalhadores desvalorizados.

Por outro lado, Mariz (1994), também, trabalha o papel da mulher na região sudesense da sua época. Podemos perceber os mais variados níveis, os quais o papel feminino se faz presente nessa narrativa. De início, temos o papel de Mariquinha, esposa de Zé Mariano, que era a mulher do lar como é imposto até hoje por uma sociedade doutrinada pelo machismo. Mariquinha é forte, ama sua família e serve como braço direito do seu marido e colo afetuoso para sua filha. Em contrapartida, sua filha Remédio, é o retrato do matuto nordestino que sonha sair do interior do estado e conhecer a tão sonhada capital em busca de fazer parte de uma elite e conhecer novos horizontes que a sua cidade natal não permite que se alcance.

Em sequência, vemos o papel do machismo e do feminismo ao mesmo tempo quando Zé Mariano, “cabra macho”, como se intitula, tem um caso com Lina, que ama ter o título de amante. Podemos observar o machismo na fala do personagem Zé Mariano, quando desconfia que não é pai do suposto filho de sua amante Lina, em contraste com seu pedido de que Lina respeite a família: “- Você não devia estar enchendo isso a ponto de chegar aos ouvidos de minha mulher, está ouvindo? Saiba respeitar as famílias. E ‘isso’ não é meu, sá mentirosa.” (MARIZ, 1994, p. 190). Par além disso, podemos observar a agressão física a Lina, outra característica marcante do machismo em: “- E sua filha, todo mundo sabe que ella era rapariga de seu Serpa e é agora de seu Airtes Falcão. Cégo de raiva o administrador só teme uma cousa: não acertar a cara de Lina, para quebral-a de murros. Senta-lhe a mão no pé do ouvido até juntar gente, alarmada a gritaria” (MARIZ, 1994, p. 191).

Desse modo, vislumbramos a liberdade que o homem tem de cometer adultério contra sua esposa e de agredir a amante como bem aparece na narrativa, assim como pode se observar a naturalidade de Lina em se envolver com homens casados, tendo assim, o direito de ser quem ela deseja e viver do modo como acha correto, mesmo que diante de uma sociedade que proíba e recluse essa índole feminina. Erich (2009, p. 39-40) argumenta que:

[...] ressaltando o regionalismo, presente na fala dos personagens, nos costumes e crenças. A escrita arcaica caracteriza o período em que o livro foi escrito (1934), dando-nos uma dimensão da evolução da escrita brasileira [...] A narrativa se abre para uma análise sociológica do homem, articulando categorias distintas em um contexto analítico das relações sociais, dando ênfase ao determinismo geográfico, que também se mostra presente na obra, pois as condições naturais exercem forte influência na vida dos personagens, tanto economicamente, quanto socialmente.

Por fim, podemos concluir que essa obra, como esperado, aborda pontos importantes de sua época, colocando em evidência as condições sociais, política e econômicas nos meados da década de trinta. É possível colocar as preocupações da autora em registrar fatos e detalhes da região sousense, fazendo jus à característica regionalista dos romances dessa época.

#### 4 GLOSSÁRIO: A PALAVRA NA ESCRITA DE IGNEZ MARIZ

O glossário a seguir é um retrato do romance *A barragem*, de Ignez Mariz (1994), no qual elucidamos por um método fraseológico e lexicológico os termos regionais paraibanos extraídos do romance supracitado. Por fim, apresentaremos a definição ou a forma comum que o vocábulo possui atualmente. Vale salientar, que todas as explicações quanto à etimologia da palavra estão fundamentadas sob as definições fornecidas foram extraídas do pelo Aurélio: Novo o dicionário Aurélio de LP (2004), de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. Admitimos, ainda, o contexto da diegese narrativa que contribui para a construção de sentido. Vejamo-los:

1. “Pois deixe passar a coceira... Rindo, Zé Marianno vae rasgando o envelope aos poucos, pra fazer raiva à mulher. Ella já está amuada” (MARIZ, 1994, p. 62).

[Part. De *amuar*.] *Adj.* 1. Que tem amuo; mal-humorado, aborrecido. 2. Que se afasta ou retrai agastado ou melindrado. 3. Guardado ou entesourado sem render (dinheiro, riquezas). (FERREIRA, 2004, p. 126).

**Nota Linguística:** Termo de uso corrente na linguagem informal nordestina presente no continuum de fala do interior paraibano.

2. “– Você não quer qui seja? Pois é. – Então, mais vale meus 2\$500 reduzidos à metade no Barracão. Mariquinha está “em dias”. E Zé Mariano, sem um vintém pra cousa nenhuma, no auge do aperreio. ” (MARIZ, 1994, p. 29-30).

[Dev. De *aperrear*.] *S. m. Bras. N.E.V.* *aperreação*: “- Eu só penso é nessa moça.... Se for cheia de dengos, de sobebias, torcer o nariz a todos nós, há de ser um aperreio...” (Mário Sete, *Senhora de Engenho*. p. 93). (FERREIRA, 2004, p. 162).

**Nota Linguística:** Termo de usual na linguagem informal nordestina, recorrente no *continuum* de fala do interior paraibano.

3. “Aqui em Recife consegui de aprumar, estou ganhando 500\$000 numa fabrica de dôce, por isto convido vocês a passarem um tempo connosco. ” (MARIZ, 1994, p. 63).

[Part. De *aprumar*.] *Adj.* 1. Posto a prumo. 2. Perfeitamente vertical. 3. *Fig.* Diz-se de indivíduo correto, digno; alinhado. 4. *Fig.* Bem vestido, bem-apresentado, bem-posto, alinhado. 5. *Bras.* Melhorado de situação financeira ou de saúde, sobretudo após abalo sério de uma ou outra. (FERREIRA, 2004, p. 171).

**Nota Linguística:** Termo usual e recorrente na linguagem informal nordestina, especificamente no contexto paraibano.

4. “Remédio pega num, pega noutro. – Resolve-se. – E mesmo quem muito escolhe no pior se agarra, como diz mamãe. Quero estes sem arreatas” (MARIZ, 1994, p. 104).

[Dev. de *arreatar*.] *S. f* Correia ou corda com que se prendem e por onde se conduzem as bestas; reata, reate. (FERREIRA, 2004, p. 195).

**Nota Linguística:** Termo pouco usual na linguagem informal nordestina atualmente no contexto paraibano.

5. “Zé Mariano salta da rêde e começa o arremedo de toalete: pega um caneco, mette-o no pote sustentado por um tripé no canto da parede, esfrega os dentes com o indicador, passa a mão molhada pela cara. ” (MARIZ, 1994, p. 3).

1. (ê). [Dev. de *arremedar*.] *S. m.* 1. Ato de arremedar. 2. Cópia, Imitação 3. Ridícula ou grosseira. 4. *Teatr.* Paródia. (3) [F. paral.: *remedo*, Pl.: *arremedos* (ê). Cf. *arremedo*, do v. *arremedar*.] (FERREIRA, 2004, p. 197).

**Nota Linguística:** Termo pouco recorrente atualmente no contexto de linguagem paraibano.

6. “– Eu não acredito nessa história de você daquele dia pra cá ter sido minha só, nem pra fazer um favor. Mas é que eu também tou cahido por tu, diabo de saia, que attenta a gente mais do que o inferno...” (MARIZ, 1994, p. 99).



[De a-4 + *tentar*] **V. t. d. 1.** *Pop.* Tentar: “Deus me perdoe se a pequena não parecia instrumento do mafarrico para de atentar” (José Carlos Cardoso Pires, *Jogos de Azar*, p. 133) **2.** *Bras. Pop.* Importunar, provocar, aborrecer, irritar. **Int. 3.** Importunar, aborrecer, irritar: “Era o que eu disse o dia, briquitando na roça com as calças grossas, pesadas, cheias de picão, .... mosquito e formigas sempre atentando, o diabo” (Bariani Ortêncio, *Vão dos Angicos*, p. 92) (FERREIRA, 2004, p. 220).

**Nota Linguística:** Termo de uso recorrente na linguagem informal nordestina no contexto paraibano.

7. “– Avia, Mariquinha. Ande depressa. O cheiro já lhe chegou no vão que serve de cosinha. Numa chicara de louça mal-casada com pires velho de agatha a mulher traz o café que ele bebe de dois goles. ” (MARIZ, 1994, p. 3).

[Part. De *aviar*.] **Adj.** 1. Que se aviou; apressado. 2. Desembaraçado, despachado. **S. m. 3.** *Bras. Amaz.* Aquele que negocia por conta de outrem. 4. Seringueiro que tem certo número de homens trabalhando por sua conta em seringal de outrem.[Cf. *aveado*] (FERREIRA, 2004, p. 238).

**Nota Linguística:** Termo de uso recorrente na linguagem nordestina no contexto paraibano.

8. “Se fosse em São Gonçalo eu ia levar ella pra casa no dêdo, pendurada num cordão... mas aqui... é uma beleza. – A casa manda entregar, não tenham dúvida! Amélia morde os beijos. – O endereço é rua Mata, 82. ” (MARIZ, 1994, p. 104).

[Do céltico *\*baikkion*, poss.] **S. m. 1.** Lábio (2). [Aum. Irreg.: *beijola*, *beijoca*, *beijorra*.] 2. Os bordos de uma ferida. [Cf. *lábio* (1).] **3.** Rebordo; ressalto. **Andar de beijo caído por.** Estar vivamente enamorado de apaixonado por (alguém). **Dar beijo.** V. *passar o beijo*. **De beijo.** *Bras. Gír.* De graça; gratuitamente, grátis, no beijo. **Estar pelo beijo.** Estar enamorado, apaixonado. **Fazer beijo.** *Fam. V. fazer beicinho* (2). **Lamber os beijos.** *Fam.* Ficar ou mostrar-se contente. **Morder os beijos.** Mostrar-se despeitado, ressentido. **No beijo.** *Bras. Gír.* V. de beijo. **Passar o beijo.** Deixar de pagar dívida; calotear, dar o beijo. **Trazer pelo beijo.** V. *embeijar* (1). **Trazer preso pelo beijo.** V. *embeijar* (1) (FERREIRA, 2004, p. 280).

**Nota Linguística:** Termo usual na linguagem informal nordestina no *continuum* paraibano.

9. “– 1. – Presente! – 2! – Faltou! – Avalio a peste que é um cabra faltar no primeiro dia de trabalho. O apontador, implacável, lança no livro um signal apropriado.” (MARIZ, 1994, p.4)

[Do lat. *Capra*.] **S.f 1.** *Zool.* Mamífero ruminante, a fêmea do bode. **2.** *Cábrea*. **3.** *Pop.* Mulher devassa. **4.** *Fig.* Mulher de mau gênio, irritadiça, escandalosa. **5.** *Astr. P. us.* Capricórnio (1). [Com cap., nesta acepç..]. **S. m. 6.** *Bras. Santom.* Mestiço de mulato e negro. **7.** *V. capanga* (4) **8.** *cangaceiro*. **9.** Morador de propriedade rural. **10.** Indivíduo, sujeito: *João é um cabra inteligente; que cabra disposto!* **11.** *Bras.* No jogo do bicho (q.v), o 6º grupo (14), que abrange as dezenas 21, 22, 23 e 24, e corresponde ao número seis. **Cabra da peste.** *Bras. N.E.* Indivíduo valente, disposto, ou digno de admiração por outro motivo. **Cabra da rede rasgada.** *Bras. N.E. Pop.* Indivíduo desabusado, atrevido, insolente. **Amarrar a cabra.** *Bras. PE Pop. V. embriagar* (4). (FERREIRA, 2004, p. 349).

**Nota Linguística:** Termo de uso recorrente na linguagem informal nordestina no contexto paraibano usado com expressão idiomática.

10. “– Lá vae obra, o calango puxa a cobra! Com o ponta-pé a almofada vira, revira e torna a virar, como uma pessoa que fizesse trez cumprimentos em cima um do outro.” (MARIZ, 1994, p. 27).

[Do quimb..] **S. m. 1.** *Bras. Zool.* Designação comum a vários reptes lacertílios, teídeos, principalmente os de pequeno porte, *Cnemidophorus*, *Arthroseps*, *Colobosaura* e outros, que vivem ger. No solo, na terra ou em pedreiras, alimentando-se de pequenos atropodes ou vermes.

**2.** *Bras. Zool.* Designação comum a alguns iguanídeos pequenos. **3.** *Bras. Pop.* O Bíceps. **4.** *Bras.* Membro de um grupo de salteadores que invadiram o CE entre 1873 e 1880. **5.** *Bras. NE. Zool. V. peixe-lagarto.* **6.** *Bras. SP Pop. Zool.* Bezerra novo, pequeno. [Sin., nessas acepç...: *calangro*]. **7.** *Bras. PA Pop. V. mata-cachorro* (2). **8.** Versão mineira do coco de embolada (v. *coco*<sup>2</sup>), originário de Alagoas. (FERREIRA, 2004, p. 365).

**Nota Linguística:** Termo de uso recorrente na linguagem informal nordestina no contexto paraibano.

11. “A velhota funga e torna a sentar. – Cambada! As meninas espreitam pé ante, pé, a casa da velha Dondon. A porta aberta, a almofada bem de frente. ” (MARIZ, 1994, p. 27).

[De *camba* + *-ada*.] **S.f.** 1. Porção de objetos enfiados ou pendurados em alguma coisa. 2. P. ext. Porção de coisas, cambulha, cambulhada, encambulhada. 3. Molho de chaves; cambulha. 4. V. *ambo*. 5. Fig. Súcia, corja: *cambada de ladrões*. (FERREIRA, 2004, p. 374).

**Nota Linguística:** Termo usual na linguagem informal nordestina no contexto paraibano.

12. “Como!? O banheiro em commum com uma sentina de fossa que elle só conhecia de ouvir dizer e nunca pensou que fôsse verdade existissem realmente! A catinga entrando de venta a dentro, quer a gente queira, quer não!” (MARIZ, 1994, p. 67).

[Do guar. *kati*, ‘cheiro forte’.] **S. f. Bras.** Cheiro forte e desagradável que se exala do corpo humano suado ou pouco limpo; bodum; morrinha. 2. P. ext. V. *fartum*. 3. “Sentiu uma catinga de coisa podre” (Nélson de Faria, *Tiziu e Outras Estórias*, P. 177). [Var.: *caxinga*. Cf. caatinga.] Ter catinga de água. *Bras. SP Pop.* Ter azar. (FERREIRA, 2004, p. 425).

**Nota Linguística:** Termo usual na linguagem informal nordestina no contexto paraibano.

13. “Não misturado com leite, como nos bons tempos de inverno, mas uma bebida fraca, desenxabida garapa...” (MARIZ, 1994, p. 31).

[De *des-* + *enxabido*] **Adj.**1. Sem sabor, insípido, insulso. 2. Sem graça ou sem a nimação; monótono, insípido, insulso. [Sin. Ger.: *enxabido*. Var. bras.: *desenxavido*.] (FERREIRA, 2004, p. 646).

**Nota Linguística:** Termo recorrente na linguagem informal nordestina no contexto paraibano.

**14.** “Josué emborca o copo na bocca. – Faz muito tempo que e não sinto uma doçura tão grande de guela a baixo! Meia hora depois só restam na mesa os pratos sujos e os ossos da panelada. ” (MARIZ, 1994, p. 96).

[De *em*-<sup>2</sup> + *bocar*.] **V. t. d. 1.** Pôr de boca para baixo, virar de borco (uma vasilha, uma canoa, etc.). [Sin. *emorquilhar* (bras., S.) e *borcar* (lus.).] **2.** Entornar na boca, bebendo; beber com sofreguidão: “Os bebedores aglomeraram-se à volta dos carros de vinho, emborcando as canecas, grulhando, sapateando. ” (José Vieira, *Sol de Portugal*, p. 155) **3.** Despejar; vaziar, derramar. **Int. 4.** Cair de borco. **5.** Virar de borco: *O aeroplano caiu e emborcou*. **6.** Bras. *Gir*. Cair no chão; levar um tombo. **P. 7.** Levar queda; cair. [Conjug.: v. *trancar*. Pres. Indi.: *emborco*, do v. *emborcar*. (FERREIRA, 2004, p. 730).

**Nota Linguística:** Termo recorrente na linguagem informal nordestina no contexto paraibano.

**15.** “ – E se não fôr? Responde Zé Marianno trincando os dentes. Você vae parir no Barracão? Porque você precisa pagar a uma mulher, a meno que o barraqueiro queira fazer o “serviço”... – E’ melhor que você me respeite, ouviu? Se isso é pra se amostrar, compadre Quinca está é encabulado” (MARIZ, 1994, p. 30).

[Par. De *encabular*. ] Bras. **Adj. 1.** Acanhado, envergonhado, vexado. **S. m. 2.** Aquele que é encabulado. (FERREIRA, 2004, p. 739).

**Nota Linguística:** Termo usual na linguagem informal nordestina no contexto paraibano.

**16.** “Está a toalha de xadrez encarnado estendida na mesa de pinho. Pratos de louça tirados do Barracão emprestam u’a nota de melhoria ao ambiente pobre do ex-feitor. Até aqui tudo era agatha.” (MARIZ, 1994, p. 94).

[Part. De *encarnar*.] **Adj. 1.** Que encarnou. **2.** Que foi objeto de encarnação (3): *imagem encarnada*. **3.** Da cor da carne<sup>1</sup>. (2); vermelho escarlate: *rosa encarnada*. **4.** Diz-se dessa cor: *gravata de cor encarnada*. **S. m. 5.** Essa cor; vermelho. **6.** Encarnação (de imagem): *O encarnado deste santo precisa de restauração*. (FERREIRA, 2004, p. 742).

**Nota Linguística:** Termo de uso recorrente na linguagem informal nordestina no contexto paraibano.

17. “– O feitor me achou um cabrão, como elle mesmo disse. Magro sim, quasi sem força, mas, de fome. E, Mariquinha, elle até parece invejoso de mim... Estava de bota, uma culóte bonito, mas tão enfezado, tão miúdo. ” (MARIZ, 1994, p. 13).

[Part. De *enfezar*] **Adj.** 1. Ranquítico, acanhado, pequeno. 2. *Fig.* Irritado; impertinente. 3. *Fig.* Aborrecido, amolado, irritado. (FERREIRA, 2004, p. 751).

**Nota Linguística:** Termo de uso recorrente na linguagem informal nordestina no contexto paraibano.

18. “O feitor, hoje, está ferozmente alinhado: barba feita, meio bigodinho, cabelo duro de brilhantina. A calça de mescla engommada, a camisa esporte novinha em folha. ” (MARIZ, 1994, p. 66).

[De *en-* + *-ar*.] **V. t. d.** 1. Meter em goma e alisar depois com o ferro de engomar: engomar a roupa. 2. *P. ext.* Alisar (a roupa) com ferro de engomar; passar. 3. Molhar em goma. 4. Engrossar; avolumar: engomar a voz. **Int.** 5. Exercer a profissão de engomadeira: “Como mãe era engomadeira, ela engomava também” (Bernardo Pinheiro Pindela, *Azuleijos*, p. 42). 6. Alisar a roupa com ferro de engomar; passar; “A Margarida trabalhava para fora, cozia, engomava, fazia renda. ” (Conde de Ficalho, *Uma Eleição Perdida*, p. 39) 7. *Bras. N.E. Fam.* Andar a custo, arrastando os pés, em geral por idade avançada: *O velhinho já está engomando*. [Pres. Subj.: engome, etc. Cf. *engome*]. (FERREIRA, 2004, p. 755).

**Nota Linguística:** Termo recorrente na linguagem informal nordestina no contexto paraibano.

19. “Estremunhado, Zé Mariano salta da rêde e começa o arremedo de toalete: pega um caneco, mette-o no pote sustentado por um tripé no canto da parede, esfrega os dentes com o indicador, passa a mão molhada pela cara. ” (MARIZ, 1994, p. 3). (MARIZ, 1994, p. 3).

[Part. De *estremunhar*.] **Adj.** Que se estremunhou, estrovinhado, mal acordado. (FERREIRA, 2004, p. 836).

**Nota Linguística:** Termo não usual na linguagem informal nordestina no contexto paraibano.

20. “Como á indagorinha, Zé Marianno contempla de um lado e do outro a carta azul, procurando lêr os carimbos. Não consegue. – Abre logo, home! Tá me dando gastura. ” (MARIZ, 1994, p. 62).

[De *gasto* + *-ura*.] **S. f. Bras.** Prurido, comichão, arrepio, aflição, irritação nervosa, originados por sons ou ruídos, sensação de tato, etc. “Uma coisa... desgranida, repuxando os nervos da mão da gente, solevando os braços, sem a gente querer. Uma gastura danada...” (Nélson de Faria, *Bazé*, p. 108). [Cf. *agastura*.] (FERREIRA, 2004, p. 969).

**Nota Linguística:** Termo bastante usual na linguagem informal nordestina no contexto paraibano.

21. “Não que ache nada de mais um homem pega-lhe no mocotó. Mas quem está acostumada a lavar roupa, só pode achar ridículo um ajudante para calçar sapatos. ” (MARIZ, 1994, p. 104).

[Do tupi.] **S. m. Bras. 1.** Pata dos animais bovinos, destituída do casco, e que se usa como alimento. [Sin.: *mão-de-vaca* (N.E.) e *chambaril*.] **2. Pop. V. tornozelo:** “desceu as mãos até as pernas, calcou com a ponta dos dedos os mocotós inchados, sondou a dormência dos pés. ” (Jorge de Lima, *Calunga*, p. 93). **3. Bot.** Planta silvestre, da família das acantáceas [*Elytraria*]. (FERREIRA, 2004, p. 1344).

**Nota Linguística:** Termo bastante usual na linguagem informal nordestina no contexto paraibano.

22. – [...] Foi o tempo que o cunhado de seu Aurélio sahiu, de detraz da moita e os dois pearam o “bicho” E o chicote cortou o lombo do immundo Diz a mulher que elle chiava embaixo da peia que só carne assada na brasa. Chi! Ui! Ui! Ui! ” (MARIZ, 1994, p. 51).

[De *pede*, ‘pé’.] **S. f. 1.** Prisão de corda ou ferro que segura os pés das bestas; trabelho. **2. Marinh.** Qualquer cabo ou corrente com que se amarra, a bordo, um objeto. Para evitar que se desloque com o jogo da embarcação. **3. Fig.** Embaraço, impedimento, estorvo, empecilho. **4.**

*Bras.* V. *chicote* (1). **5.** *Bras.* *Chulo* O pênis. ~ V. *peias*. **Ser peia.** *Bras. PE AL Pop.* Ser coisa muito difícil, árdua, complexa. (FERREIRA, 2004, p. 1522).

**Nota Linguística:** Termo usual na linguagem informal nordestina no contexto paraibano.

**23.** “– Tudo no mundo é possível, José, responde ella com tanta simplicidade que elle dá uma gargalhada. – Só no teu quengo, minha santa. Só no teu quengo. (MARIZ, 1994, p. 14).

**S. m. 1.** *Bras. N. NE.* Quenga<sup>1</sup> (2). **2.** *Bras. Pop.* V. *cabeça* (1): *bater com o quengo*. **3.** *Bras. Pop.* Talento, inteligência; cabeça. **4.** *Bras. Pop.* Indivíduo astuto, ardiloso, espertalhão. (FERREIRA, 2004, p. 1675).

**Nota Linguística:** Termo não usual na linguagem informal nordestina no contexto paraibano.

**24.** “De dentro da “camarinha”, do terreiro e até de sob uma cangalha sáe gente para disputar o prato de comida. Cada qual que avance mais. ” (MARIZ, 1994, p. 9).

[Do lat. *Terrariu*, ou de *terra*+ *-eiro*]. **Adj. 1.** V. *terrestre* (1). **2.** Térreo: “Larga e baixa, a casa terreira acaçapava-se entre o arvoredo do quintal que beirava de um e outro lado” (José de Alencar, *Guerra dos Mascates*, p. 38). **S. m. 3.** Espaço de terra plano e largo. **4.** Largo, praça. **5.** V. *terraço* (2). **6.** Largo ao ar livre onde se realizam celebrações de cultos afro-brasileiros: macumbas, candomblés, etc. **Chamar a terreiro.** Desafiar. (FERREIRA, 2004, p. 1940).

**Nota Linguística:** Termo bastante usual na linguagem informal nordestina no contexto paraibano.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos nesse TCC, à luz da Lexicologia, investigar sobre a variação linguística, tendo como foco o dialeto regional nordestino, por meio da leitura de uma obra de cunho regional, podendo passear entre o uso real desses dialetos e sua representação por meio da literatura. Para tal, inicialmente, analisamos como se configura o processo de criação de palavras, para que fosse possível entender tudo que está relacionado a tal prática e como ela se liga ao contexto de criação literária em questão.

Desse modo, foi possível inferir que as mais diversas línguas, com ênfase no português, se apresentam das mais variadas formas possíveis, pois essa se dá num processo recorrente e usual, caracterizando a língua/linguagem como uma estrutura viva, passível de mudanças e atribuições de sentido. Assim, pudemos concluir que a dimensão social na qual as palavras são usadas está ligada ao fato de que o contexto histórico e cultural cria nos indivíduos um modo característico de se expressar.

O percurso teórico-metodológico pelo qual seguimos foi orientado pela seção retórica que teve a proposição do tema Estudo lexicossemântico da obra *A Barragem*, de Ignez Mariz. Desse modo, a partir da análise realizada com fragmentos dessa obra, trouxemos uma abordagem contextualizada da linguagem nordestina e de sua representação dicionarizada, pois constatamos que tal feito se faz necessária para que possamos destacar o Nordeste como também sua representação por meio de livros literários, trazendo, para além da contextualização histórica romanesca, a forma como a fala/escrita está inserida também nesse contexto.

Para tanto, foi necessário que trabalhássemos em cima da tese que a língua, como atuante de um fator social, funciona como o elo que liga a teoria à prática. Desse modo, recorreremos a uma leitura não apenas superficial a fim de conhecer a obra, mas também uma leitura crítica para pudéssemos entender como a fala/escrita passa a ser apresentada por meio de representações literárias em seu contexto histórico-social.

Logo, para essa constatação apontou também que as escolhas de obra e teoria foram eficazes nesse processo de pesquisa científica acadêmica, resultando, possivelmente, num entendimento integral do léxico que vai desde o processo de criação de um lexema em suas possíveis variações criacionistas até a sua utilização efetiva num veículo de comunicação que se deu, nesse caso, por meio da obra literária *A Barragem* (1994) de Ignez Mariz.



Essa afirmação reforça que a necessidade de trabalhar a língua como estrutura viva se dá não no fato de conhecê-la em seu sistema estático, mas sim em seu processo funcional e nas suas possíveis aparições nos meios sociais de interação comunicativas. Ressaltamos, aqui, que esse estudo funciona como um alerta linguístico, para que possamos entender que a língua é mutável e é preciso que ocorra esse processo de metamorfose, pois não é possível, a menos que num estudo diacrônico, comparar a língua/fala de hoje com que fora há dois meses, dois anos ou há dois séculos.

Sendo assim, é importante que se entenda, também, que há aqueles que acreditam numa língua estática e que deve seguir à risca todas as normas pré-estabelecidas por alguma entidade responsável por generalizar tais regras, porém seria inconcebível a ideia de que essa normatização desconsiderasse todo o processo histórico de uma região ou comunidade, apagando, assim, sua identidade linguística e cultural, a levando ao âmbito no qual habitam apenas as línguas mortas.

A partir dessas constatações, afirmamos a necessidade de estudos que contemplem as variações linguísticas em sua totalidade, mas que o caráter regional, principalmente do Brasil, seja colocado em evidência, pois assim teríamos não somente um conhecimento da língua, mas também da cultura de um povo, obtendo como consequência, o conhecimento que rodeia a escrita e a fala desses indivíduos. Assim, esperamos que esta proposta possa contribuir para indagações existentes, assim como servir de fundamentação e provocação para outros pesquisadores.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, M. M. Lexicologia e Terminologia: definições, finalidades, conceitos operacionais. *In*: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (org.). **As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia**. 2. ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2001, p. 191-192.
- BASÍLIO, M. **Estruturas lexicais do português: uma abordagem gerativa**. Petrópolis: Vozes, 1980.
- BASÍLIO, M. Introdução. *In*: BASÍLIO, Margarida. **Formação e classes de palavras no português do Brasil**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2013. Cap. 1. p. 8-11.
- BIDERMAN, M. T. C.; ANDRADE, M. M. de. As ciências do léxico: lexicologia, terminologia: definições, finalidades, conceitos operacionais. *In*: OLIVEIRAS, A. M. P. P. de; ISQUERDO, A. N. (org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. 2. ed. Campo Grande, MS: Ufms, 2001. p. 16-18.
- CORREIA, M. Noções básicas de lexicologia. *In*: CORREIA, M. **Neologia em português**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. Cap. 1. p. 13-17.
- ERICH, I. O. **Entre os apitos da Casa-de-força, A Barragem**: da análise textual à sala de aula. 2009. 285fl. Tese Mestrado em Literatura e Ensino - Curso de Letras Língua Portuguesa, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2009. Disponível em: <https://www.livrosgratis.com.br/ler-livro-online-107521/entre-os-apitos-da-casa-de-forca-a-barragem--da-analise-textual-a-sala-de-aula>. Acesso em: 02 ago. 2022.
- FERREIRA, A. B. H. Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa/ Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. – 3. ed. – Curitiba: Positivo, 2004.
- KRIEGER, M. G. Termos técnico-científicos em minidicionários: problemas de inclusão e de definição: lexicografia e terminologia. *In*: CARVALHO, O. L. S.; BAGNO, M. **Dicionários escolares: políticas, formas & usos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 73-75.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 2. ed. Rio de Janeiro: E.P.U., 2014.

MARIZ, I. **A BARRAGEM**. 2. ed. João Pessoa: Facsimilar, 1994.

OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (org.). Introdução: As ciências do léxico: o léxico. In: OLIVEIRA, M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. 2. ed. Campo Grande, Ms: Ufms, 2001. Cap. 1. p. 13-22.

PERINI, M. A. O léxico. In: PERINI, M. A. **Gramática descritiva do português**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2007. Cap. 14, p. 343-349.

POPE, C.; MAYS, N. **Pesquisa qualitativa na atenção à saúde**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

ROCHA, L. C. A. Estrutura morfológica do português. In.: ROCHA, L. C. A. (org.). **O léxico**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998, p. 60-77.

ROCHA, L. C. A. O surgimento de um novo vocábulo. In.: ROCHA, L. C. A. (org.). **O léxico**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998, p. 79-96.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas de pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.